



Ateliê de História

Palavras - chave:
Aokigahara, Floresta,
Suicídio.

Resumo: Suicídio. Prática que remonta às eras mais remotas da história e perpassa quase todas as civilizações do globo. Jocasta e Dejanira enlaçaram talingas ao pescoço. Ajax optara pelos gumes do gládio; Antero de Quental preferira o projétil; e Walter Benjamin achara menos dolorosa a morfina. Personagens esses (mitológicos ou não) que deixaram uma marca na História do Ocidente. Portanto, fatos de mais fácil acesso a nós todos. Entretanto, mesmo sabendo da escassez de historiografia acerca do assunto, mister se faz igualmente pensar o mesmo na Terra do Sol Nascente e, neste caso, levando em conta as dimensões ambientais ligadas a tal ação. É a isso que o ensaio a seguir se propõe: pensar preliminarmente a autoquíria intensificada nas últimas décadas na floresta japonesa de Aokigahara e, a partir disso, desenvolver propostas para futuras pesquisas mais aprofundadas.

AOKIGAHARA. A FLORESTA DOS SUICIDAS

João Antonio Machado ¹

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem por finalidade realizar uma confluência das ideias transmitidas pelos seguintes textos: *A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua*, feita por Alessandra Isabel de Carvalho e Robson Laverdi, e transcrita por Danusa de Lourdes Guimarães da Silva; As bases teóricas da história ambiental, de José Augusto Pádua; e “A evolução da floresta” (capítulo I da obra *A Ferro e Fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*, escrita por Warren Dean).

Entretanto, além da mera contraposição de pensamentos acerca da temática de História Ambiental, proponho-me a inserir um tema a ser esquadrihado, dentro de minhas possibilidades enquanto pesquisador ocidental. Tratarei, portanto, de descrever brevemente sobre a floresta de *Aokigahara*, localizada no Japão, e quais as principais relações do ser humano com a mesma. Assim sendo, me valerei das proposições teóricas dos autores mencionados logo atrás, no intuito de perceber a floresta para além de seus limites biológicos e geográficos. Pois que, aqui objetivo incluir os aspectos sociais e culturais relacionados à mesma.

Contudo, antes de dar prosseguimento ao escrito, relevante se faz destacar que se trata de um ensaio com os olhos voltados para a porção do globo que nós ocidentais denominamos de “Oriente”. Quando, na verdade seria muito mais cabível a utilização do substantivo no plural. Com efeito, o que gostaria de salientar é que, pelo fato de haver um “muro” imaginário a separar as culturas ocidentais das sociedades orientais, difícil se torna avançar neste campo de pesquisa imensamente amplo (BUENO, 2017, p. 5-16). Justamente porque as obras existentes sobre esses povos, com tradução em português, nem sempre estão disponíveis em bibliotecas públicas ou são de fácil acesso para compra no mercado. Devido a tal empecilho, acabei por recorrer a informações retiradas de sites disponíveis na internet. O que pode, por vezes, diminuir a qualidade do trabalho.

Mesmo assim, é imperioso que nós todos, pesquisadores e estudiosos, reflitamos sobre as fronteiras as quais estamos buscando solapar. Pádua assevera que a História Ambiental funciona muito bem como uma ferramenta, para a amplificação das abordagens históricas. Não está ela, portanto, separada da história econômica, política e social. Mas sim, visa um processo de interdisciplinaridade, de aproximação, com o restante das formas de se interpelar o passado, bem como com outras ciências (sejam elas da área das

¹ Acadêmico do curso de Bacharelado em História, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: joao.antonio.machado@hotmail.com

Humanidades ou não. Como exemplo, cabe citar aqui as pesquisas feitas nos campos da Astronomia, da Geologia e da Biologia, muito úteis à História Ambiental), afim de dar ênfase no local em que a história acontece, no mundo biofísico e diminuir a perspectiva “flutuante”, a qual separa o homem do restante dos elementos com os quais ele convive: plantas, animais, córregos, montanhas, rochas e materiais do subsolo, etc. Tudo de que ele se utiliza e se relaciona, para poder viver (CARVALHO; LAVERDI; SILVA, 2014, p. 457-484).

Destarte, podemos nos questionar até onde esse inter-relacionamento (tanto disciplinar como humano) alcança. Porque, em matéria de buscar desconstruir as barreiras que nos separam de civilizações com culturas extremamente ricas (Orientes), quase nós todos (muitas vezes inconscientemente) cometemos o pecado da exclusão, pelo esquecimento. Sem avançar, portanto, um passo de formiga que seja (caso deste ensaio), rumo a mares ainda não bem explorados, é possível indagar se o escrito adiante auxiliará no incremento do diálogo intercultural e, logo mais, no conhecimento acerca do outro, mesmo que singelo. Se assim ocorrer, já é um primeiro passo para em direção a épica frase: *γνῶθι σεαυτόν* (Conhece-te a ti mesmo). Ao participar de uma roda de conversas sobre a Memória Ferroviária em 2015, foi possível observar de forma muito palpável tudo aquilo que se lê e interpreta nos manuais teóricos que tratam da memória e aspectos da identidade de um grupo social. A falta de zelo do Estado, que deveria ser

AOKIGAHARA OU KUROI JUKAI

A palavra *Kuroi Jukai* é atualmente usada, tal qual *Aokigahara*, como um designativo para a floresta em questão. Acredita-se que o primeiro termo mencionado tenha se popularizado a partir da publicação, em 1960, duma obra homônima, escrita por *Seichō Matsumoto* (Disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/life/2011/06/26/general/inside-japans-suicide-forest/#.WuJ768gvzIU>> Acesso em: 05 dez. 2017). No ano seguinte, o mesmo autor lançou o livro *Nami no Tō* (Título traduzido para o inglês como *Tower of Waves*), sendo que neste, assim como romance anterior, Matsumoto faz referência à floresta como um local de preferência para a prática de suicídio. Desde então, o número de autoexterminios em *Aokigahara* veio aumentando, a ponto de, somente no ano de

2003, terem sido encontrados 105 corpos em seu interior (Disponível em: <<http://www.aokigahara-forest.com/>> Acesso em: 05 dez. 2017).

Aokigahara fica localizada na ilha de Honshu (a maior, dentre as quatro principais do arquipélago japonês. Cerca de 97% do território terrestre do país é composto pelas ínsulas Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu), mais especificamente na porção central, entre o Monte Fuji e os lagos Motosu, Shoji e Saiko (Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Japan/@31.6803314,120.2920795,4z/data=!3m1!4m5!3m4!1s0x34674e0fd77f192f:0xf54275d47c665244!8m2!3d36.204824!4d138.252924?hl=en>> Acesso em: 05 dez. 2017). Sabendo, por meio duma análise cartográfica, que o Monte se encontra a sudoeste de Tóquio e próximo ao litoral, é de se supor que a sua porção oriental receba os ventos que movem as águas quentes da corrente marítima Kuroshio. A qual, mais ao norte se encontrará com as correntezas gélidas denominadas Oyashio, formando, ainda às margens de Honshu, um importante polo pesqueiro (QIU, 2001, p. 1413-1425). É possível que tais ventos meridionais também venham a atingir a floresta. Entretanto, sabe-se que nela há cavernas em que o gelo mantém-se, mesmo durante os verões. O que torna as mesmas uma atração turística.

Como o Japão é um país de extensão relevante a nível longitudinal, os climas que nele predominam variam conforme a região. Mais ao sul, nas Ilhas Ryukyu, o calor acaba por ser mais intenso, as águas e ventos mais cálidos, contribuindo para a formação de uma flora de caráter tropical, embora com a existência de coníferas em certas partes. Já nas plagas setentrionais (em especial a ilha de Hokkaido, a norte de Honshu), nas regiões subalpinas, as espécies pertencentes à divisão Pinophyta prevalecem. Não obstante, faz-se mister revelar que dentre as espécies de plantas endêmicas do Japão, uma média de 3.950 delas são angiospermas, enquanto que apenas 40 espécimes não possuem suas sementes protegidas por qualquer tipo de fruto (Disponível em: <<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/floraefauna.html>> Acesso em: 05 dez. 2017). Portanto, em Hokkaido não existem somente gimnospermas, já que sabe-se que muitas árvores frutíferas necessitam de x horas de frio para germinarem e frutificarem. Um exemplo é a *Prunus avium* (encontrada em muitas partes do Japão) e que necessita de aproximadamente 1000 horas com a temperatura abaixo de 7°C para bro-

tar (Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/como-plantar/4597-plantar-cereja>> Acesso em: 05 dez. 2017).

Assim sendo, estando *Jukai* na faixa central (no que toca a linhas de escala latitudinal), a floresta parece possuir árvores de folhas caducas, o que se evidencia durante as estações inverniais, bem como uma grande quantidade de briófitas e pteridófitas a recobrirem o solo rochoso² e os caules de algumas árvores. Estas últimas se desenvolvem bem, devido à alta pluviosidade e à alta temperatura no verão, visto que nos meses de estio as temperaturas chegam próximo dos 30°C (Disponível em: <<https://www.jnto.go.jp/eng/basic-info/basic-info/climate.html>> Acesso em: 05 dez. 2017). Ademais, todas essas condições recém citadas favorecem a existência de uma fauna, que vai desde insetos, como besouros, a animais de pequeno, médio e grande porte. Dentre esses últimos poderíamos mencionar a toupeira japonesa, javalis, ratos, morcegos e o urso negro asiático.

Pela descrição feita logo a atrás, a impressão que se tem é de que Aokigahara é uma floresta distinta das demais, em todo o restante do país. Demonstra ser uma zona sombria e obscura pela qual os *yūrei* (fantasmas dos mortos) vagueiam incansavelmente, a conduzir novas almas para o regaço álgido e úmido do escuro e monótono vale recoberto por ramificações vegetativas. Um ambiente destinado tão somente para este fim lúgubre.

Contudo, não fora mencionado que, além do aspecto sepulcral, deveras destacado pelos agentes midiáticos de alto impacto da atualidade (indústria cinematográfica, literatura, música, animes e mangás), especialmente a partir da entrada no 3º Milênio, há igualmente uma face vital. Não apenas besouros e larvas a rastejarem pela superfície folhosa e repleta de musgos. Mas também uma série de espécies de borboletas a cintilarem quando tocadas pelos raios luminosos do Sol; tordos a tagarelarem, pica-paus a estridularem e cuckoos a gorjearem com graça; veados saltam e pastam cá e lá; lebres disparam entre os galhos, sumindo-se em meio à mata; e esquilos empreendem bailados em suas escaladas pelos troncos verticais. Noutras palavras, a vida também pulsa em Aokigahara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao invés de elencar quaisquer conclusões, opto pela formulação de questões neste último tópico do ensaio.

Devido à complicação de imersão no mundo cultural japonês, reconheço que este trabalho deixa a desejar. Porém, sabendo dos aspectos físicos da floresta trabalhada e da relação que as pessoas com ela possuem, podemos indagar: já que Aokigahara não é uma floresta essencialmente distinta das demais encontradas no território japonês, por que o número de suicídios em seu interior vem aumentando, principalmente nas últimas décadas? Sabe-se que no séc. XIX, ela, assim como muitos outros lugares isolados, eram utilizados para a prática de *ubasute*³. Mas não que a relação com o suicídio seja de longa data. Embora seja essa uma tradição secular no Japão, onde os mais vetustos registros remetem à prática de *seppuku/harakiri*⁴.

Não seria o alto índice de suicídios no Japão contemporâneo um efeito do rápido crescimento industrial e da urbanização, ou mesmo da pós-modernidade, do que uma permanência/resquíio das práticas samurais? No caso de analisar tanto um como outro (contemporaneidade e vida dos samurais), é bastante relevante a chamada de atenção feita por Pádua acerca do termo *Physis* ("Natureza"), que ao longo da história ocidental passou por diversas significações. Para ele, Natureza seria tudo o que não é criação humana, nem depende do arbítrio do homem. Como, então, os japoneses, com base em todo o aparato religioso-filosófico a eles inerente, entenderiam esse termo (ou algo que dele se aproxime) e o ser humano em sua essência?

Para finalizar, gostaria de lançar ao ar uma pergunta com base numa assertiva de Dean. Ele assevera que, nos EUA as florestas têm sido vistas, historicamente, como uma oportunidade para a extração de recursos. Já em muitos reinos da Europa, elas eram os lugares mais apropriados para as aristocracias realizarem jubilosamente suas caçadas. Agora perguntamos: que finalidades sócio-culturais tinham e têm as florestas no Japão? Afinal, cerca de 70% de seu território é reflorestado ou está ambientalmente intacto (Disponível em: <<http://japaohistoriae-tradicao.blogspot.com.br/2011/03/meio-ambiente-do-japao.html>> Acesso em: 05 dez. 2017).

2 Originário da sedimentação de lava vulcânica expelida pelo Monte Fuji e posteriormente resfriada, quando em contato com a atmosfera.

3 Prática em que algum jovem da família se encarregava de levar um parente idoso e doente para uma montanha ou local isolado e abandoná-la lá para morrer.

4 Suicídio samurai. O qual era visto como uma prática extremamente honrosa e como forma de demonstrar lealdade ao protegido e ao código de conduta samurai (Bushido).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alessandra Isabel de; LAVERDI, Robson; SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães da. "A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua". In: **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, UEPG, 2014, Vol. 19, nº 2, p. 457-484.

PÁDUA, José Augusto. "As bases teóricas da história ambiental". In: **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, 2010, Vol. 24, nº 68, p. 81-101.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo**. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira.

BUENO, André. A dificuldade em falar sobre 'Oriente' no Brasil. In: **Mais Orientes**. Rio de Janeiro/União da Vitória, UERJ/UNESPAR, Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017.

QIU, Bo. Kuroshio and Oyashio Currents. In: **Encyclopedia of Ocean Sciences**. Honolulu, University of Hawai'i at Manoa, 2001.

WEBSITES

Aokigahara forest. <<http://www.aokigaharaforest.com/>> Acesso em: 05 dez. 2017.

Gilhooly, Rob. Inside Japan's 'Suicide Forest'. <<https://www.japantimes.co.jp/life/2011/06/26/general/inside-japans-suicide-forest/#.Wu-J768gvzIU>> Acesso em: 05 dez. 2017.

GOOGLE MAPS

<<https://www.google.com.br/maps/place/Japan/@31.6803314,120.2920795,4z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x34674e0fd77f192f:0xf54275d47c665244!8m2!3d36.204824!4d138.252924?hl=en>> Acesso em: 05 dez. 2017.

FLORA E FAUNA NO JAPÃO

<<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/floraefauna.html>> Acesso em: 05 dez. 2017.

PLANTIO DE CEREJEIRA

<<https://www.greenme.com.br/como-plantar/4597-plantar-cereja>> Acesso em: 05 dez. 2017.

JAPAN'S CLIMATE

<<https://www.jnto.go.jp/eng/basic-info/basic-info/climate.html>> Acesso em: 05 dez. 2017.

MEIO AMBIENTE DO JAPÃO

<<http://japaohistoriaetradicao.blogspot.com.br/2011/03/meio-ambiente-do-japao.html>> Acesso em: 05 dez. 2017.